

MILITÂNCIA AMARELA: ANÁLISE DE PERFIS DO *INSTAGRAM* QUE ATUAM EM PROL DO COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ASIÁTICO-BRASILEIRA¹

Aline Ferreira Lira²
Anna Renata Goes Carvalho³
Gabriela Yumi Eto⁴

RESUMO

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa que teve como objetivo investigar os perfis do Instagram que debatem pautas relacionadas ao combate ao preconceito e à discriminação com relação à população amarela. Para isso, a metodologia utilizada foi a análise documental, a partir da qual foi realizado um levantamento sobre os indivíduos e os movimentos sociais que promovem esse debate no Instagram, além de identificar os principais temas e argumentos abordados quando o assunto é combate à discriminação asiático-brasileira. A partir do surgimento da pandemia da Covid-19, este trabalho se mostra relevante para que se conheça como a militância amarela está atuando para reverter o cenário xenofóbico.

Palavras-chave: Militância Amarela. Instagram. Preconceito contra população asiático-brasileira.

Introdução

Na introdução da dissertação “Marca Amarela: produção artística como resistência na militância asiático-brasileira”, Matsuda (2020, p. 12) dá um depoimento contundente com relação ao preconceito contra a população amarela: “toda a minha trajetória enquanto sujeito foi impressa por uma marca amarela, por um fator racializador, em uma chave de classificação da diferença, em que o diferente era visto como o exótico, ora aclamado, ora ridicularizado”.

¹ Este trabalho é resultado do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC), realizado durante os anos de 2021 e 2022 com o título Militância Amarela: Análise de perfis do Instagram que atuam em prol do combate à discriminação asiático-brasileira, com bolsa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

² Professora do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: aline@ufam.edu.br.

³ Graduanda do curso de Relações Públicas da UFAM. E-mail: annargcarvalho@gmail.com.

⁴ Graduanda do curso de Relações Públicas da UFAM. E-mail: gabrielaeto111@gmail.com.

Ao explorar a literatura a respeito do preconceito contra pessoas de origem asiática, a exemplo de Tchen (2010) e de Shimabuko (2008), é comum observar que está presente o paradoxo do desenvolvimento de mitos relacionados à população amarela que sujeita como protagonistas a população leste-asiática. Shimabuko (2018), por exemplo, denuncia o preconceito contra o fenótipo amarelo ao mesmo tempo que foi estabelecido, com relação aos japoneses, o mito da minoria-modelo, em detrimento de grupos como os negros e os indígenas. Embora não tenham sofrido as mesmas opressões que negros, por exemplo, o que pode ser observado em obras como a de Kilomba (2019) e a de Nascimento (2019), é que ainda assim a população amarela sofre com discriminações, preconceitos e xenofobia.

Este trabalho, seguindo as práticas da militância da área, utiliza o termo “amarelo” quando se refere à população do leste asiático, ou seja, oriunda da China, do Japão, da Coreia do Sul, de Taiwan, de Hong Kong, de Cingapura, da Indonésia, da Malásia, das Filipinas e da Tailândia, já que amarelo é um “marcador identitário ligado à raça, à ancestralidade e ao posicionamento político” (MATSUDA, 2020, p. 17). Essa identificação fica mais forte a partir de 2014, em função da intensificação do uso nas redes sociais digitais, quando houve um crescimento significativo dos debates ligados às questões asiático-brasileiras, particularmente com relação ao racismo, à xenofobia, aos estereótipos e à cultura. Os fóruns existentes em plataformas como o Facebook, por exemplo, permitiram que uma militância asiático-brasileira surgisse e começasse a tratar de assuntos que ganham evidência em postagens de denúncia de racismo e xenofobia contra a população amarela (MATSUDA, 2020).

Esses grupos permitiram conexões, de acordo com Matsuda (2020), para que pessoas amarelas se mobilizassem e se organizassem para aprofundar discussões a respeito de questões como raça, etnia e relações de dominação, além de resgatar narrativas de antepassados e problematizar estereótipos. Como sinaliza Inoue (2017, p.30), ao denunciar micro agressões vivenciadas por imigrantes do leste asiático e por seus descendentes no Brasil, “o olho asiático é a representação do espaço e lugar do

preconceito, e, se as pessoas precisam se colocar no lugar das outras para entender o racismo, enxergar, então, através dos nossos olhos, é se colocar no nosso lugar”.

Este trabalho se propõe a apresentar e analisar os perfis na rede social Instagram que debatem pautas relacionadas ao combate ao preconceito e à discriminação com relação à população amarela. Sua relevância reside no fato de que, de acordo com Tammaro (2021), o preconceito e a violência contra a população de origem asiática se intensificaram durante a pandemia da Covid-19, motivados, entre outras coisas, pelo discurso de ódio e preconceito adotado por algumas lideranças globais. Assim, diante da emergência desse assunto, faz-se necessário entender como pessoas amarelas e os movimentos sociais por elas organizados estão atuando para combater essa violência.

Metodologicamente, a pesquisa que deu origem a este artigo tem caráter descritivo quanto aos seus objetivos, pois visa caracterizar os aspectos de determinado fenômeno, estabelecendo relações entre as suas variáveis (MOURA, 2011). Quanto aos procedimentos técnicos, além do levantamento bibliográfico foi realizada uma pesquisa documental, a partir da análise de postagens de militantes que publicam conteúdos relacionados à militância amarela. A pesquisa documental permitiu que se procedesse à análise quanto ao conteúdo e ao teor das postagens de perfis de Instagram que estão, predominantemente, relacionados à militância amarela.

Assim, a pesquisa documental seguiu as seguintes etapas: 1. Identificação de perfis do Instagram – nesse momento, foi realizada uma pesquisa exploratória para identificar os perfis do Instagram que problematizam o lugar das pessoas amarelas na sociedade brasileira. Foram consideradas postagens dos anos de 2021 e 2022, nos *feeds* dos perfis, fossem eles individuais ou de movimentos sociais. 2. Obtenção de material - para a realização da pesquisa documental, os perfis de Instagram foram registrados e catalogados em fichas de pesquisas contendo nome do perfil e se ele era verificado, cidade e estado de origem, temas abordados, frequência e tipo de postagem. A partir da coleta dos dados, procedeu-se a terceira fase da pesquisa,

análise e interpretação dos dados, em que estes foram tratados e avaliados a partir das principais linhas de atuação da militância amarela com relação ao combate à discriminação e ao preconceito no que diz respeito à população asiática.

Imigrações e “perigo amarelo” - são todos iguais

Em 1908, com a chegada dos japoneses no Brasil, outra representação estereotipada foi criada, em contraste com as dos chineses, já que os primeiros eram vistos “como naturalmente dóceis, moralizados e eficientes, o que tornava o discurso antinipônico um paradoxo entre a aclamação e a ridicularização no contexto nacional com a chegada dos primeiros imigrantes” (Matsuda, 2020, p.26).

Segundo a Embaixada do Japão, no Brasil estimam-se aproximadamente dois milhões de japoneses e descendentes residentes, ou seja, a maior população de origem japonesa fora do Japão, sendo uma consequência disso o crescimento de movimentos quanto ao racismo e à xenofobia pelas vozes de quem ouve e vivencia esses atos discriminatórios abertamente. Evidenciando a necessidade de outros asiáticos se sentirem representados, pois, para o recorte da pesquisa e os termos relacionados à militância amarela, destacamos o Brasil, consideramos pertinente relatar a seguir algumas histórias e experiências cotidianas de imigrantes não apenas do Japão, a fim de garantir a representatividade das várias descendências que compõem a militância amarela no Brasil.

Sendo assim, a partir de 1810, segundo Rogério Dezem (2005), chegaram no Brasil os primeiros chineses, no período da Corte do Rio de Janeiro, de Dom João VI. Takeuchi (2016) ressalta que o rei propôs incentivos à produção de chá por intermédio de técnicas chinesas. Todavia, pelo fato de que, até 1880, a mão de obra chinesa era baixa, alcançando somente três mil pessoas em razão do tráfico involuntário, não houve uma adaptação necessária em relação às condições de trabalho que eram impostas. Em função disso, os europeus intitularam os chineses de fracos, indolentes e depravados.

Kasato Maru foi o pioneiro a desembarcar em Santos, em 1908, com japoneses que além de alfabetizados, usavam “roupas limpas” e “traziam bolsas com escovas de dente, escovas de cabelo e navalhas, algo que apenas os brasileiros mais ricos levavam em suas bagagens” (Lesser, 2015, p. 209). Isso possibilitou a esses imigrantes *embranquecer*, para a alegria das elites brasileiras, e diminuir a população de negros e de indígenas. Devido à herança da escravidão, a leitura racial brasileira é também permeada pela questão de classe (Schucman, 2014), em que a pobreza sinaliza a negritude e a posse de capital (material, social e/ou cultural) identifica a branquitude. Isso reforça o racismo, em que o branco se sente superior e inferioriza todas as outras raças, para continuar em ascensão histórico-global.

O termo perigo amarelo surge na Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil está ao lado dos aliados, mesmo que de forma indireta. Dessa forma, todos os países que eram contra os aliados e estavam no Eixo (Alemanha, Itália e Japão) deveriam responder por atos de guerra, incluindo japoneses e seus descendentes no Brasil. Para Nucci (2006), esse período alterou a imagem que os brasileiros tinham dos leste-asiáticos, transformando-os em um inimigo a ser combatido. Surgiu, assim, o termo “perigo amarelo”.

Vozes da militância amarela - também somos brasileiros

Para a contextualização da raça amarela, é necessário conhecer a história dos imigrantes asiáticos, como os chineses e japoneses. É importante ressaltar que todos os povos de origem leste-asiática possuem história, cultura e costumes que diferem entre si. Considerando o cotidiano de um amarelo, é comum ouvir a frase “Todos vocês são iguais”, o que aponta para a prática comum da branquitude de homogeneizar todas as pessoas amarelas, imigrantes ou não, em função de seu fenótipo. Por isso, é importante destacar o crescimento das manifestações contra o preconceito amarelo, embora tais expressões não se constituam como uma prática recente.

Conforme previsto no projeto de pesquisa, na fase exploratória foi procedida uma busca de perfis que abordaram o tema acerca da Militância Amarela entre os anos de 2021 e 2022. A partir de buscas com os termos Nipo-brasileiro, Perigo amarelo, Xenofobia, Orientalismo, *YellowFace*, *“Asian-fetish”* (Fetiche asiático) foram encontrados vinte e cinco perfis, nos quais um perfil aborda sobre pessoas amarelas em geral, dezoito perfis são produzidos por descendentes de japoneses, três sul coreanos e duas chinesas. Acerca dos demais países, não foram identificados a produção de conteúdo sobre o assunto.

Ao longo da fase exploratória, foram encontrados vinte e seis perfis que produzem conteúdo a respeito do ser amarelo⁵. Apesar da presença no Instagram, os perfis mais engajados em conteúdo na temática asiática são: @bruna.tukamoto, @meu2nome e @yoobanboo, somando 168 postagens nos anos de 2021 e 2022, conforme pode ser observado no Quadro 1. Os outros perfis analisados na fase exploratória não possuem tanta frequência de postagens quanto esses perfis e, por isso, optou-se por analisar, nas fases seguintes do projeto de pesquisa, esses três perfis, permitindo uma abordagem mais qualitativa à pesquisa.

Quadro 1: Perfis engajados e produção de conteúdo constante.

Perfil	Período	Número de postagens/ Descrição dos conteúdos
Bruna Tukamoto @bruna.tukamoto	Jan/2021 - Dez/2022	Total: 122 Conteúdos recorrentes: Micro agressão, Fetichização, Imigração, Não-pertencimento, Representatividade

⁵ @amarelitude, @noticias.amarela (Tati Takiyama), @tatitakiyama (Tati Takiyama), @debhikari (Deborah Hikari), @_luna_nakano (Luna Nakano), @camilasawamura (Camila Sawamura), @Miwakashiwagi (Miwakashiwagi), @r1ikakira (Rick Akira), @clauokuno (Claudia Okuno), @haseegawa (Hasegawa), @takashima.psi (Marcelo Takashima), @meu2nome (Marcelo Takashima e Luciana Ayumi), @brunaaiiso (Bruna Aiiso), @ericzenka (Eric Senka), @masculinidades.amarela, @asiaativa (Beatriz Takahashi, Victoria Sonnenberg, Clarissa Miyamoto, Pamela Kamada, Anna Sashide, Luana Saito), @psikarinakikuti (Karina Kikuti), @lais.ezawa (Lais Ezawa), @_arisasuzuki (Arisa Suzuki), @hksuo (Hugo Katsuo), @leonardohwan (Leonardo Hwan), @mongehan, @victorhan (Victor Han), @yili.oichina (Yili) e @laylachiiUu (Layla Chiu). @centroasiabrasil.

		amarela, Preconceito, Xenofobia e Discriminação.
Marcelo Takashima @meu2nome	Jan/2021 - Dez/2022	Total: 24 Conteúdos recorrentes: Estereótipos, Cultura asiática e Representatividade masculina.
Tami Tahira @yobanboo	Jan/2021 -Dez/2022	Total: 22 Conteúdo recorrente: É um glossário desmembrado dentro do perfil.

Fonte: produzido pelas autoras.

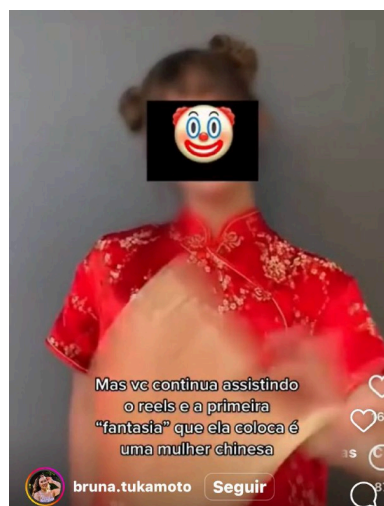
Dessa forma, os criadores de conteúdos encontrados no Instagram relatam, com frequência, as temáticas relacionadas ao preconceito e à discriminação com relação à população amarela, evidenciando a importância de discutir esse assunto. Com isso, os perfis de pessoas nipo-brasileiras como Bruna Tukamoto, jornalista, Marcelo Takashima, psicólogo, e Tami Tahira, artista plástica, são porta-vozes essenciais à disseminação de informação e ao combate à xenofobia. Além disso, é possível evidenciar a presença constante de temas ofensivos à comunidade amarela como *“yellowface”*, *“minoria modelo”*, *“perigo amarelo”*, *“asianfishing”* e *“asianfetich”* em seus perfis, que surgem das experiências de seus cotidianos.

Os perfis analisados variam entre dois mil e cinquenta e oito mil seguidores na rede social. Ao observar o cotidiano midiático, o alcance entre curtidas e comentários divergem, pois para a receptividade alta de curtidas existe um mínimo de comentários apoiadores, sendo elas pessoas descendentes que possuem vivências semelhantes. Contudo, a abertura do diálogo gera contribuições para mais comentários desagradáveis, ofensivos e xenofóbicos. Logo, esta análise destaca a realidade enfrentada pelos criadores de conteúdos sobre os temas aqui propostos.

Os perfis analisados também analisam produções audiovisuais em que há incitação ao preconceito asiático. O primeiro deles, que utiliza o chamado *“yellowface”* foi o Terra dos Deuses (The Good Earth, 1937), o qual recorreu ao recurso de pintar um ator

branco de amarelo, usando maquiagem para também deixar seus olhos com um aspecto mais puxado, insultando toda uma cultura ao representá-la de maneira imprópria. (Nakamura e Persichetti, 2022). A intensificação da produção artística é composta pela branquitude, pois nesse período fica isenta a participação da comunidade leste-asiática no meio cinematográfico. A ridicularização da cultura, da língua e até de traços fenotípicos são abordados de forma costumeira em filmes como *Bonequinha de Luxo* (1961), dirigido por Blake Edwards, conhecido como uma produção clássica americana que abre espaço na atualidade para assim aprofundar dentro das mídias sociais debates sobre a estereotipagem. Atualmente, pessoas amarelas têm espaço para opinar e descrever os impactos dessas atitudes. Sendo assim, Bruna Tukamoto aborda esse tema em seu perfil nos dias 24 de Outubro de 2021 - “ Fantasia e Etnia” e 10 de março de 2022 – “alerta racismo amarelo” e Tami Tahira em seu perfil, Yoo Ban Boo, 07 de dezembro de 2022- *Yellowface* e 22 de novembro de 2022 - Xenofobia. No caso da postagem sobre fantasia e etnia (Figura 1), Bruna Tukamoto aborda uma postagem de uma dona de brechó sugerindo, com as peças que vende, fantasias para o Halloween. Nesse caso, Tukamoto ressalta que etnia não é fantasia e, quando isso acontece, reforça estereótipos e preconceitos. Tukamoto também destaca que a dona do brechó, ao ser confrontada por pessoas de origem asiática, passou a apagar os comentários negativos e a restringir o acesso ao perfil.

Figura 1: Bruna Tukamoto critica *Yellow Face*



Fonte: *frame* retirado do vídeo de @bruna.tukamoto

Os eventos corriqueiros, como histórias vividas ou ouvidas, às vezes camufladas por brincadeiras, são principais inspirações para as abordagens expostas nos perfis. Já que, para exemplificar ou corrigir uma ação, os criadores de conteúdos relacionam de forma sutil perguntas e comentários invasivos, algumas vezes até ofensivos, direcionados em *reels*, *stories* ou textos diretos no *post*.

Fetichização e estereótipos

Em relação às mulheres nipo-brasileiras, a fetichização é intensificada no seu cotidiano de diversas formas, como o fato de seus corpos serem objetificados, sendo comparadas com o ideal das nacionalidades. A partir disso, mesmo estando fora do imaginário de mulher brasileira, as mulheres *Nikkei*⁶ sofrem igualmente sexualizações raciais múltiplas, pois se de um lado ainda paira o estereótipo errôneo e hipersexualizado do papel da mulher gueixa como serva, submissa, ávida por sexo sobre as *nikkey*, há também outra face perversa do estereótipo da mulher “japonesa” como uma mulher “apagada” e hipo sexualizada, pois seu corpo físico não seria atraente o bastante por ser não curvilínea e não se encaixar na estereotipia das mulheres brasileiras. (Hatugai, 2021).

Assim, postagens como “Fetichização da mulher amarela” - 08 de abril de 2021; “Coisas que toda mulher nipo-brasileira já escutou” - 10 de junho de 2021 (Figura 2) ; “Todas as minhas ex são asiáticas”- 04 de novembro de 2022; “João Hashi e a fetichização” - 10 de fevereiro de 2022 e “Como Kpop, anime e mangá contribuem para a fetichização da mulher amarela” - 05 de abril de 2022, são exemplos em que Bruna Tukamoto aborda o que descendentes passam no presente e vivenciaram no passado não visto antes como problemático, mas agora percebidos em nova perspectiva de objetificação de uma raça.

⁶ O termo *nikkei*, *nikkey* ou *nikkeijin* refere-se à japoneses imigrantes e descendentes que residam fora do Japão (Hatugai, 2021).

Figura 2: Bruna Tukamoto sinaliza preconceitos sofridos por asiáticas



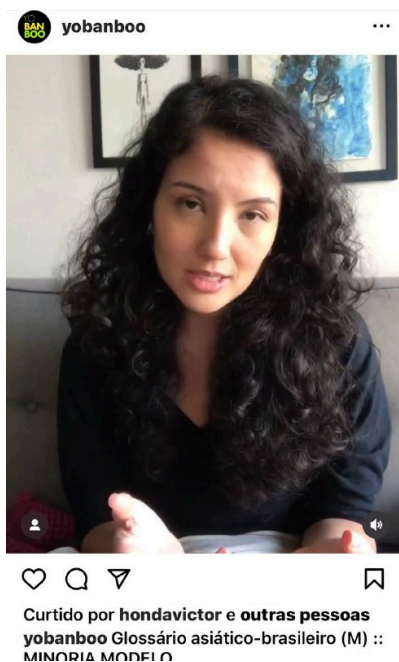
Fonte: *frame* retirado de vídeo postado por @bruna.tukamoto

Pode-se perceber que a sociedade atual busca maneiras de questionar padrões comportamentais pré-estabelecidos. A partir da visão de Lippmann (2008), os estereótipos são padrões de comportamentos estabelecidos culturalmente. Graças aos estereótipos podemos atribuir significados aos acontecimentos sociais. Estes são necessários para a coesão social, pois, por meio deles, significados comuns são compartilhados. (Hall, 2016, p. 190).

O termo “*Model Minority*”, em referência aos estereótipos “positivos” relacionados à comunidade oriental nos Estados Unidos, surgiu a partir de estudos sobre os pontos de vista que o público norte-americano em geral mantém sobre a minoria, desenvolvidos por autores tais quais Cohen (1992) e Delener e Neelankavil (1990). De acordo com tal estereótipo, a comunidade asiática seria especialmente trabalhadora, séria, ética, detentora de conhecimentos acima da média nos campos da matemática e da tecnologia e, em geral, intelectualmente talentosa. Essa percepção resulta na exclusão social por características descritas e disseminadas por terceiros, ou seja, uma sociedade como subjugadora do caráter social do indivíduo do leste asiático

por sua linhagem familiar, em que carregam a “fama” de inteligentes pela valorização da cultura e dos estudos universais dentro de diferentes países para que tenham destaque de honra para a família e não para uma projeção externa. Esse conceito é expresso nos perfis Mito da minoria modelo - 30 de março de 2021 e Yoo BamBoo, de Tami Tahira, “Conceito- minoria modelo - 15 de dezembro de 2021”. Com relação ao mito da minoria modelo, Tahira, em sua postagem (Figura 3), indica como pessoas de origem asiáticas são cobradas para serem perfeitas, não possuindo o direito de apresentarem falhas, problemas psicológicos ou dificuldades de aprendizado. Por outro lado, esse mito, também, de acordo com Tahira, é usado em benefício da branquitude como um modelo de como as outras raças deveriam ser, tirando a humanidade de negros e indígenas, por exemplo.

Figura 3: Crítica ao mito da Minoria Modelo



Fonte: *frame* do vídeo de @yoobamboo

Assim, estes estereótipos que são abordados no cotidiano do leste-asiático conduzem à fetichização da raça amarela. No *feed* de Marcelo Takashima é abordado

este conteúdo de teor histórico e cultural “Como surgiu o estereótipo “reservado”: 5 ideias para entender como “pessoas japonesas são reservadas” se tornou um estereótipo - 22 de julho de 2021 e também, no *feed*, aponta “Como lidar com o estereótipo “reservado”, como lidamos e como podemos lidar com preconceitos e estereótipos. - 03 de agosto de 2021. Nessas postagens, Takashima (Figura 4) aborda como mitos da minoria modelo, a indústria cultural e até o posicionamento do Japão no Pós-Guerra contribuem para que o Ocidente crie uma visão estereotipada de pessoas orientais. Essas postagens são maneiras de incluir o tema no contexto atual da vivência de um nipo-brasileiro sobre as retaliações do processo de desenvolvimento que os aponta como estrangeiros em sua própria terra, assim, presos a exotificação e a estereótipos.

Figura 4: Carrossel sobre o mito de pessoas japonesas serem reservadas



Fonte: perfil de @meu2nomebh5

Considerações finais

A pesquisa que deu origem a este trabalho pretendia, além de relacionar os perfis individuais do Instagram que tratam do tema perigo amarelo, identificar movimentos sociais que debatem o preconceito e a discriminação com relação à população amarela. Entretanto, no período pesquisado, não foram identificados movimentos sociais que trabalhem com o tema nessa rede social. A partir dos assuntos abordados e dos engajamentos das postagens dos perfis pesquisados, pode-se inferir que há a necessidade de criação de movimentos sociais que efetivamente abordem essas pautas e garantam a redução, inclusive por cobrança de políticas públicas, do preconceito com relação à população amarela.

Como foi visto neste trabalho, a partir do processo de imigração de asiáticos para o Brasil o preconceito foi instaurado pela branquitude por meio das associações aos traços amarelos. Assim, o perigo amarelo e todas as formas de exotificação com relação à população asiática são reforçados e expandidos para uma realidade atemporal. Isso porque os comentários são reproduzidos, ainda, por não possuírem espaço na história para serem debatidos, o que poderia ocorrer, a título de exemplo, em movimentos sociais destinados a esse fim.

Logo, os principais argumentos desenvolvidos pelos perfis analisados surgiram de ideias de desmistificação da característica fenotípica do Leste-asiático e da desconstrução das diversas nações asiáticas como uma. Por ser um território extenso composto por crenças e culturas diferentes, geralmente essas características são diminuídas em função de projeções predispostas e estruturais. Os perfis analisados revolucionam a quebra do imaginário social do povo ocidental sobre a população leste-asiática. Isso porque esses evidenciam a visão pré-moldada por outras etnias quanto aos comportamentos e atitudes de pessoas asiáticas como coletivo.

Por conseguinte, este trabalho exemplifica a importância do conhecimento sobre temas relacionados à militância amarela e a atual conjuntura do sistema democrático que as redes sociais proporcionam, como o Instagram, que influencia e

possibilita o acesso eficaz na abordagem do tema, ao reeducar e abrir espaços para debates de desconstrução com relação ao preconceito a respeito da população asiática.

Contudo, as autoras visam expor para a sociedade a importância de ouvir e conhecer perfis que tratam de dores e vivências reais de pessoas amarelas, para além da informação. Logo, a comunidade poderá integrar-se e valorizar as diferenças étnicas tais como essenciais e necessárias para o desenvolvimento de um país miscigenado.

Para além da análise de perfis das redes sociais, este trabalho, a partir da análise dos temas abordados pelos perfis analisados, aponta para a necessidade de pesquisas sobre o preconceito amarelo, particularmente em obras de ficção como novelas, filmes e livros, entre outros. Também poderiam ser realizadas entrevistas tanto com donos dos perfis do Instagram abordados neste trabalho como com as pessoas que comentam nas postagens, relatando problemas semelhantes. No campo organizacional, também seria possível desenvolver pesquisas tanto com foco principalmente nos públicos internos das organizações: como os empregados tratam as pessoas de origem asiática? Como as pessoas de origem asiática se sentem, principalmente com relação aos temas aqui abordados? Enfim, perigo amarelo representa um amplo campo de pesquisa na área de diversidade organizacional.

Referências

AKUTSU, Beatriz Hiromi da Silva. MONICA, Eder Fernandes. MARTIRE, Gabriel Cerqueira Leite. Dos quase brancos ao perigo amarelo: representações sociais sobre os nikkeis, a partir do processo de imigração no Brasil. **Revista Controvérsia**. Disponível em:

https://www.revistacontroversia.es/ficheros/pdfs/1595331569_DOSQUASEBRANCO_SAOPERIGOAMARELO.pdf

BALISCEI, João Paulo. KURIHARA, Julia Tiemi. “Japonesa, abre o olho”: racismo, xenofobia e misoginia contra mulheres amarelas. **Revista Teias**. Vol. 23, n. 69, 2022.

HATUGAI, Érica Rosa. Ler, no corpo da “mestiça”, beleza, corporalidades e fronteiras no parentesco nikkey: as experiências de mulheres nipo descendentes no Brasil. **Cadernos Pagu** (63), 2021.

INOUE, Vinicius Chozo. **A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira**. 2017. 50 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso 176 (Bacharelado em Comunicação Social) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ISHIMORI, Karina Midori. **Viver num corpo estrangeiro: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para as adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotípias**. São Paulo, 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOHATSU, Lineu Norio. SAITO, Gabriel Katsumi. ANDRADE, Patrícia Ferreira de. **Imigração, Mídia e Xenofobia: A ameaça Imaginária em Questão**. Research gate, 2021.

MATSUDA, Marco Takashi. **A marca amarela: produção artística como resistência na militância asiática brasileira**. Dissertação [Mestrado] Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade 2020.

MOURA, Cláudia Peixoto de. O processo de pesquisa em Relações Públicas. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; FOSSATTI, Nelson Costa. **Práticas acadêmicas em Relações Públicas**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**: documentos de uma história de militância. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NAKAMURA, Mariana Moraes. PERSICHETTI, Simonetta. Muito mais que *yellowface*: o início do reconhecimento asiático. Grupo de Estudos Alterjor: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP). **Revista Alterjor**. Ano 12. Vol. 1, edição 25. Jan.-Jun. de 2022.

NUCCI, Priscila. “O perigo japonês”. **Revista História Social**, n. 12, Campinas, 2006, p. 133-149.

SANTOS, Caynnã de Camargo. ACEVEDO, Claudia Rosa. A Minoria Modelo: uma análise das representações de indivíduos orientais em propagandas no Brasil. **Psicologia política**. Vol. 13, No 27, p. 281-300. Maio-Agosto de 2013.

SHIMABUKO, Gabriela. **Para além da fábula das três raças: uma introdução à percepção racial do amarelo e do japonês no Brasil**. Disponível em: <https://outracoluna.wordpress.com/2018/12/22/para-alem-da-fabuladas-tres-racas-uma-introducao-a-percepcao-racial-do-amarelo-e-do-japones-no-brasil/>

SHIZUNO, Lena Camargo. Imigração japonesa no Brasil: os indesejáveis necessários. **Relações Internacionais no Mundo Atual**, Curitiba, n. 8, p.69-94, 2008.

TAKEUCHI, Marcia Yumi. **Imigração japonesa nas revistas ilustradas**: Preconceito e Imaginário Social (1847 – 1945). São Paulo: Editora EDUSP, 2015. p. 16 - 51.

TAMARO, Rodrigo. **População de origem asiática é vítima de violência e preconceito na pandemia**. Jornal da USP, 27 de maio de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/populacao-de-origemasiatica-e-vitima-de-violencia-e-preconceito-na-pandemia/>

TCHEN, John Kuo Wei. Notes for a History of Paranoia: “Yellow Peril” and the Long Twentieth Century. **The Psychoanalytic Review**: Vol. 97, Special Issue: Politics and Paranoia. Guilford Press, 2010.